

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL
E
CONSTRUÇÕES

N.º 3

ARCHEOLOGIA HISTORICA
E
PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

Eleição de Sua Magestade o Imperador D. Pedro II para socio benemerito da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.	
Sessão extraordinaria no dia 22 de Novembro de 1889 para commemorar o XXV anniversario da fundação da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes — REDACÇÃO.....	Pag. 63
Memoria historica da fundação, progresso e trabalhos da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes desde a sua instituição, até ao anno de 1889, em que completou XXV da sua existencia em Lisboa — Offerecida pelo sr. JOAQUIM POSSIDONIO NARCISO DA SILVA.....	• 67
SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA:	
Arte monumental dos povos da antiguidade, pelo sr. J. P. N. DA SILVA.....	• 72
Explicação da estampa n.º 86 — pelo sr. J. DA SILVA.....	• 75
Resumo elementar de Archeologia Christã (continuação) pelo sr. POSSIDONIO DA SILVA.....	• 77
Chronica.....	• 79
Noticiario.....	» 80

Sua Magestade o Imperador Senhor D. PEDRO II dignou-se acceitar o diploma de SOCIO BENEMERITO da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, tendo sido eleito por aclamação em assembléa geral de 22 de Dezembro d'este anno.

A Real Associação justamente se ufana de contar no seu gremio quem tanto pode concorrer para lhe dar incremento e renome.

El-Rei o Senhor D. CARLOS I, El-Rei D. FERNANDO, de saudosa memoria, o Principe D. Pedro Augusto de Cobourg e o Principe de Siam tambem já nos tinham concedido a subida distincção de se associarem ao nosso Instituto.

SESSÃO EXTRAORDINARIA

NO DIA 22 DE NOVEMBRO DE 1889

Para commemorar o XXV anniversario da fundação da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes

Estando a nação de luto pelo infausto acontecimento do obito d'El-Rei o Senhor D. Luiz, não houve sessão solemne para festejar o anniversario d'esta associação á semilhança do que se pratica nas associações scientificas e artisticas de todos os paizes cultos. A esta reunião sómente concorreram os socios srs. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, Valentim José Correia, Conde de S. Janua-

rio, Visconde de Alemquer, Ernesto Silva, membros da meza; e os srs. Marquez de Vallada, Conde de Almedina, Gabriel Pereira, Carlos Munro, Pimentel Maldonado, Theodoro da Motta, Costa Goodolphim, Zephyrino Brandão, Conde da Torre Bella, Monsenhor Elviro dos Santos, Eduardo Dias, Cavalleiro e Sousa, Maximiano Monteiro, Licinio Silva, Julio Mardel, Casanova, José Tedeschi, João Chrysostomo Mackonell, João Rodrigues Ferreira, Amilcar Cabral, Pedro d'Avila. O secretario leu as cartas dos socios que não poderam assistir a este acto, pedindo desculpa da sua falta, e foram os srs. Visconde da Torre da Murta, Igna-

cio de Vilhena Barbosa, Conselheiro José Silvestre Ribeiro, Visconde de Castilho, Antonio da Costa Oliveira, General Joaquim da Costa Cascaes, de Lisboa; e os srs. Conselheiro Sebastião Lopes Calheiros e dr. Luiz Figueiredo da Guerra, de Vianna do Castello; Augusto Mendes Simões de Castro e Ricardo Simões dos Reis, de Coimbra; Joaquim de Vasconcellos, João Antonio Freitas Fortuna, Abbade Pedro Augusto Ferreira, Ricardo Severo da Costa e Sousa, do Porto; Victorino da Silva Araujo, de Leiria; Caetano Xavier da Camara Manuel, de Evora; Joaquim da Cruz de Sousa, de Penafiel; Monsenhor J. M. Pereira Botto, Estacio da Veiga, de Faro; Epiphanyo Augusto Gamitto e Manuel Maria Portella, de Setubal; Cesario Augusto Pinto, de Guimarães; Joaquim da Conceição Gomes, de Mafra.

O sr. Possidonio da Silva, que depois de regressar dos congressos de Paris, occupava pela primeira vez a cadeira da presidencia, disse que se julgava feliz por lhe ter Deus ainda concedido vida para poder assistir á sessão da assemblea geral, afim de se commemorar o xxv anno da existencia da Associação; congratulava-se com os seus consocios que o haviam auxiliado a inaugurar em Portugal a fundação de um instituto architectonico e de um Museu de archeologia, não sómente para o progresso scientifico do nosso paiz como tambem poder-se evitar o vandalismo que havia causado tantas damnificações; havendo já prestado esta Associação bastantes serviços durante estes 25 annos, como se veria pelo relatorio historico dos seus trabalhos que se passava a ler. Por ultimo fez sinceros votos para que a Sociedade continue a prosperar, obtendo no paiz e fóra d'elle merecida consideração.

Em seguida o secretario, sr. Visconde de Alemquer, leu o relatorio dos trabalhos e progressos realizados pela Associação nos cinco lustros depois da sua fundação, sendo essa memoria offerecida a todos os socios presentes.

Tendo perguntado o sr. Presidente se algum socio pedia a palavra, o sr. Marquez de Vallada, n'um improvisado admiravel de erudição e de bellezas oratorias, encareceu a vantagem da instrucção artistica e scientifica por ser de grande alcance para a civilisação dos povos, e disse que os serviços da Associação dos Architectos Cívicos e Archeologos portugueses haviam contribuido para que o nosso paiz obtivesse igualmente esse benefico resultado. Referiu-se depois ao sr. Presidente, declarando que n'esta reunião commemorativa se lhe devia votar uma corôa de louro como aos antigos vencedores, porque a victoria no campo da sciencia não era menos digna de recompensa de que a alcançada no campo da batalha; era até mais proficua, mais salutar e mais civilisadora. Saudava pois o sr. Presidente com a convicção de que todos os socios o

acompanhariam n'aquella sua sincera manifestação de louvor. Estas palavras foram acolhidas com apoiados calorosos, recebendo s. ex.^a ao findar a sua erudita oração uma prolongada salva de palmas.

O sr. Presidente agradeceu penhoradissimo as expressões lisongeiras que este notavel tribuno lhe dispensára.

O sr. Mackonelt pronunciou um discurso cheio de entusiasmo no qual se admiraram os seguintes conceitos:

«Depois do illustre orador que me precedeu, é de certo ousadia da minha parte o tomar a palavra, mas o meu unico fim é prestar sincera homenagem ás superiores qualidades que ornão o digno Presidente da Associação dos Architectos e Archeologos, o meu prezadissimo amigo o Exm.^o Sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, que é inquestionavelmente uma figura proeminente na historia do nosso paiz, pela dedicação que tem tido em tornar conhecidas não só de portugueses como de estrangeiros as preciosidades archeologicas que possuímos.

«Vinte e cinco annos, tantos são os que conta a nossa Associação de existencia! Vinte e cinco annos de disvellos e de um passado glorioso para o seu fundador, que em presença dos seus trabalhos, Portugal se ufana de possuir entre os seus homens illustres.

«A historia da nossa Associação está exuberantemente descripta na *Memoria Historica*, que nos acaba de ser apresentada; n'ella se vê claramente o grau de prosperidade que tem attingido, e a quem se deve.

«Felicito-me por ver reunidos n'esta assembleia, cavalheiros tão distinctos na politica, na litteratura, na sciencia e nas artes a commemorarem o vigésimo quinto anniversario da Real Associação dos Architectos e Archeologos portugueses, e a prestarem homenagem ao seu illustre fundador.

«Votos faço para que de futuro lhes continuem a prestar o seu apoio, para que ella conserve sempre o mesmo brilho que tem tido até ao presente.»

O sr. Presidente agradeceu muito reconhecido mais aquelle testemunho de amizade que recebia do sr. Mackonelt, que ha muito conhecia e estimava por ter sido um fervoroso apostolo da criação do Albergue dos Invalidos do Trabalho.

Encerrou-se a sessão ás 10 horas da noite, e descendo da presidencia o sr. Possidonio da Silva, foi cumprimentado pela assemblea com affectuosos signaes de estima que muito sensibilisaram o venerando ancião, tão lisongeiras e honrosas foram as manifestações dos seus dignos consocios.

MEMORIA HISTORICA

DA FUNDAÇÃO, PROGRESSO E TRABALHOS DA REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES DESDE A SUA INSTITUIÇÃO, ATÉ AO ANNO DE 1889, EM QUE COMPLETOU XXV DA SUA EXISTENCIA EM LISBOA. — Offerecida por Joaquim Possidonio Narciso da Silva.

A Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes foi fundada no principio do anno de 1864 pelos oito architectos civis portuguezes João Pires da Fonte, José da Costa Sequeira, Feliciano de Sousa Correia, Manuel José de Oliveira Cruz, Paulo José Ferreira da Costa, Verissimo José da Costa e Valentim José Correia, sob a iniciativa de Joaquim Possidonio Narciso da Silva, antigo architecto da casa real.

Modesta em seu berço, como todas as cousas, ainda as maiores, não deixou todavia de ser bafejada pelos mais lisongeiros auspícios; por quanto, graças ao constante patrocínio, que desde logo mereceu á Real Família portugueza, e depois á successiva cooperação de tantos e tão illustrados talentos, que a têm honrado consentindo em ser inscriptos socios seus, ha chegado a attingir o satisfactorio desenvolvimento e estado florescente, em que hoje, com applauso de nacionaes e estrangeiros, felizmente a contemplamos.

Em 29 de Janeiro de 1864 Sua Magestade el-rei o Senhor D. Luiz dignou-se approvar por decreto d'esta data, a *referida fundação, ficando definitivamente constituída a Associação dos Architectos Civis Portuguezes, em Portugal em 22 de novembro d'esse mesmo anno, pela primeira vez com a sua sede em Lisboa*. Fez-se então a eleição da mesa, e ficou composta do seguinte modo: Presidente, Joaquim Possidonio Narciso da Silva; 1.º secretario, José da Costa Sequeira; 2.º secretario, Paulo José Ferreira da Costa, e Thesoureiro Feliciano de Sousa Correia.

Um dos seus primeiros passos para se engrandecer e avigorar foi dirigir cartas de convite aos architectos portuguezes, ao director das obras de restauração do edificio de Santa Maria da Batalha, aos dignos professores de architectura da academia portuense de bellas artes e aos architectos das camaras municipaes de Lisboa e Porto, os quaes todos annuiam de bom grado a esta honrosa convocação.

Julgando-se conveniente, que as pessoas illustradas da nação fossem aqui representadas como socios amadores, afim de conciliar ao nascente instituto maior esplendor e consideração, fazer comprehender ao paiz a vantagem de seus serviços, e mais facilmente se habilitar a concorrer para o progresso e civilisação do mesmo, teve a Real Associação a fortuna de poder addicionar ao escolhido numero de seus membros os seguintes illustres nomes: Conde de Lavradio, Duque de Saldanha, Conde de

Samodães, Visconde de Azevedo, Visconde da Carreira, Conde de Thomar (Antonio), Marquez de Rezende, Duque de Loulé, Marquez de Sousa Holstein, Visconde da Torre da Murta, Conde de Farrobo, Duque de Palmella, Marquez de Abrantes, Conde de Penafiel, Bispo do Porto D. Americo Ferreira dos Santos e Silva, D. José de Saldanha de Oliveira e Sousa, Visconde d'Almeida, Antonio Augusto de Aguiar, Miguel do Canto e Castro, Sebastião José Ribeiro de Sá, Ignacio de Vilhena Barbosa, Visconde de Alemquer, José Tavares de Macedo, Ernestô P. da Silva, Visconde de Castilho, Adriano de Abreu Cardoso Machado, D. José Maria de Lacerda, abbade Antonio Damaso de Castro e Sousa, Francisco José d'Almeida, Luiz Porphyrio da Motta Pegado, José Maria da Silva Leal, Bernardino Antonio Gomes, Conde de Peniche, Victorino da Silva Araujo, José da Silva Mendes Leal, conselheiro José Silvestre Ribeiro, Conde de S. Januario, Francisco Antonio Pereira da Costa, Joaquim de Vasconcellos, Pedro de Roure Pietro. Com sua benevola acquiescencia não só augmentaram estes cavalheiros o credito da Real Associação, como tambem testemunharam publicamente, em quanto apreço tinham o objecto da mesma, e como elle contribuiria para se dar em Portugal o devido valor aos monumentos nacionaes e á sciencia archeologica.

Mas não parou aqui a sua diligencia. Em virtude de eguaes convites teve a incalculavel vantagem de contar dentro em pouco entre os seus confrades, artistas dos paizes mais civilizados, taes como: Visconde de Laborde, Paris; Baltard, Paris; Dolanson, Londres; Carlos Nelson, Londres; Carlos Garnier, Paris; J. Lelemen, Amsterdam; Carlos Lucas, Paris; Lefuel, Paris; Bockman, Berlim; Révoil, França; Richardson, Philadelphia; Preux, Paris; Rousmine, Russia; Streker, Austria; Stuler, Berlim; Violet-le-Duc, Paris; L. Duc, Paris; Scott, Londres; (architectos) Conde de Marsy, França; A. de Caumont, França; Essenusin, Allemanha; F. Lesseps, França; Mariette, Cairo; Conde Oroff, Moscow; J. de Rossi, Roma; J. A. Warsaae, Dinamarca; Dr. Schaffhausen, Bonn; Conde Senador J. Gozzadini, Bolonha; Senador Friorelli, Napoles; D. Basilio, Madrid; Carlos Boni, Modena; Conde Laire, França; D. José Amador de los Rios, Hespanha; Hoofs-Van-Eddekinge, Haya; E. Guillaume, Paris; Dr. Hübner, Berlim; Dr. Garirou, Bayonna; E. Cartailhac, França; Casalis de Fondue, Montpeller; J. Chantre, Lyão; J. de Cougny, França; E. Travers, França; Conde de P. Aria, Italia; Abbade Le Petit, França, (archeologos); os quaes se dignaram de endereçar á Real Associação obsequiosas cartas de agradecimento, e de presenteal-a com suas acreditadas e bellas producções artisticas e literarias: a que a Associação correspondeu com os

numeros publicados do seu jornal, acompanhados de sinceras expressões do mais vivo reconhecimento.

Tendo concorrido á exposição internacional da cidade do Porto em 1865, obteve uma medalha de prata pelos objectos archeologicos que enviára áquelle certamen.

Com o mesmo intuito de se fazer conhecida e acreditada no estrangeiro, extremou entre os objectos no seu museu recolhidos os que, mais recomendaveis por sua antiguidade e particularidades historicas, mais proprios lhe pareceram tambem para figurarem na exposição universal de Paris de 1867. E não foi baldado o seu intento, porque, n'este sympathico certamen da intelligencia humana, obteve a Real Associação uma medalha de cobre de grande modulo: honra que veiu dar a seus esforços maior incentivo, e dilatar a fama das preciosas antigualhas do nosso rico paiz.

Foi por esse mesmo tempo, que recebeu da mais distincta corporação da Europa, que advoga os interesses da nobre arte da architectura civil, provas taes de consideração, como ainda não havia recebido: refiro-me ao convite da benemerita Associação Central dos Architectos Francezes, estabelecida em Paris, para tomar parte nos trabalhos do congresso internacional, composto dos architectos dos principaes paizes, que pela primeira vez se havia de reunir n'aquella capital. Tão honrosa missão não podia a nossa sociedade deixar de acceitar, como effectivamente acceitou da melhor vontade.

Por ocasião de se offerecer a el-rei o senhor D. Fernando, em 9 de outubro de 1866, o medalhão com o retrato do architecto Boutaca (que delineou a construcção da igreja monumental dos Jeronymos em Belem) o presidente da Associação pediu ao mesmo augusto Senhor a graça de acceitar o protectorado do museu; e, tendo Sua Magestade annuido do melhor grado, foi este especial favor e honrosa distincção acolhido com as mais calorosas demonstrações de agrado, enthusiasmo e reconhecimento.

Em 1867 obteve se do governo a precisa auctorisacção para se mandarem insculpir os nomes dos architectos nacionaes nos monumentos construidos no reino até ao XVIII seculo; sendo o primeiro, em que se realisou este pensamento de reconhecido interesse o historico edificio do Carmo, séde da Real Associação.

Já em 1865, logo nas primeiras sessões, haviam sido apresentados themas sobre assumptos de incontestavel utilidade artistica e publica, taes como: condições locaes, commodidades e mais requisitos, que devem ter as habitações das classes operarias; designação das differenças que deve haver entre os edificios religiosos da capital, espaços oc-

cupados por suas plantas; classificações e differenças dos estylos e respectivas decorações. Agora, em 1867, fazem-se recair estes exercicios sobre hygiene applicada ás edificações urbanas; propostas de meios efficazes para que os canos das pias vedem as emanações dos gases nocivos á saude publica; indicações da mais appropriada fórma, que conviria dar-se ao monumento, que se pretendia edificar e consagrar á memoria do Senhor D. Pedro IV na praça do seu nome, para que produzisse melhor effeito, sem que destruísse a belleza e regularidade da referida praça. Deram-se prelecções publicas no museu, pelo presidente da Real Associação, sobre a historia da arte monumental dos povos da antiguidade, com vistas em grande escala, coloridas e transparentes; muito frequentadas pelas diferentes classes da sociedade. Já em outros logares as tinha dado o mesmo prelector, comparando os edificios religiosos do estylo ogival dos diversos paizes, e sobre a archeologia pre-historica: tudo pela sobre-dita exposição ocular, para ser mais instructivo e attrahente este estudo, novo em Portugal.

O anno de 1868, e os que se lhe seguiram, não foram menos ferteis em expedientes de subida proficuidade. N'esse anno accordou a Associação em encarregar um ou mais artistas do seu gremio de examinarem os principaes edificios do reino, elaborando memorias ácerca d'elles, para serem conhecidas dos estudantes de architectura, e bem assim do publico. Em segundo lugar, que se pedisse ao governo, pelo ministerio das obras publicas, amostras de todos os materiaes de construcção produzidos e empregados nos diversos districtos do reino, com os respectivos preços e dimensões no systema decimal; afim de serem comparadas as qualidades e o custo (cousa que ainda se não tinha feito no paiz), e d'esta arte, melhor conhecidos dos constructores, poderem os materiaes ser applicados ás edificações com mais feliz exito e economia: o que os directores das obras publicas do Porto, Vizeu, Evora, Villa Real, Faro e Leiria, cumpriram, enviando á Real Associação as referidas amostras acompanhadas de notas explicativas, no sentido que se lhes havia proposto. Era de tanta utilidade este alvitre, que a Direcção Geral das Obras Publicas, reconhecendo-a, adquiriu depois eguaes collecções para a respectiva repartição. Deliberou mais, que se pedisse tambem ao governo, quizesse satisfazer ás perguntas, que lhe fizesse a Associação sobre a nomenclatura da architectura, encarregando-se um ou mais socios de organizar um vocabulario da arte; e que houvesse de determinar, qual devia ser o curso de estudos, a que haviam de sujeitar-se os individuos, que desejassem obter o diploma de architectos civis.

Em fim resolveu-se, que do governo se sollici-

tasse a entrega do edificio arruinado da antiga igreja do Carmo de Lisboa, afim de se mandarem alli recolher os fragmentos architectonicos e objectos archeologicos que fossem dignos de conservação; e fazer-se uma collecção dos que existissem na capital, e depois outra dos que se fossem encontrando nas provincias em estado de abandono, etc., etc.

Foi este sem duvida um dos maiores serviços prestados pela Real Associação dos Architectos Civis á civilisação e ao bom nome do povo portuguez. Para o avaliar convém saber, que a igreja do antigo convento de Nossa Senhora do Carmo, um dos mais nobres monumentos da piedade dos nossos maiores, nobre por seu valor extrinseco, nobre pelas gloriosas e patrioticas recordações vinculadas ao seu nome, arruinada pela espantosa catastrophe de 1755, estava servindo ha muitos annos, sabeis de que? de vasadouro do lixo da cidade! Achavam-se já sobterrados os 14 degraus de cantaria, que davam ingresso para ella, e o entulho das suas naves subia a tal ponto, que para as desobstruir, foi necessario tirar 8:000 carroçadas! Trabalho de subido valor, a que ajuntou outro igualmente importante, qual foi o de fazer construir uma especie de adro, para separar do bello portal ogival da entrada principal a calçada do Largo do Carmo, que cortava os fustes das columnas do portico pela terça parte de sua altura, e destruia as proporções e o aspecto architectonico d'esta antiga edificação religiosa. Por estas acertadas medidas conseguiu a Associação fazer cessar o vergonhoso desprezo em que jazia e salvar, porventura, da total ruina, a obra grandiosa de *D. Nuno Alvares Pereira* o heroico batalhador da independencia portugueza. Grande honra cabe pois, por este só feito á benemerita e Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes!

N'este mesmo anno, approvou-se o regulamento interno da Associação; e, ponderando-se, quanto convinha fazer conhecidos os seus trabalhos, foi auctorizada a publicação de um jornal proprio com o titulo de *Archivo da Architectura* illustrado com grandes estampas e de formato in-folio. N'este jornal deveriam tratar-se os assumptos seguintes: philosophia da arte, apreciação das construcções dos edificios publicos e particulares, estereotomia, historia monumental, decoração pertencente á architectura; construcções urbanas e ruraes, archeologia, biographia dos architectos nacionaes e estrangeiros e finalmente revista estrangeira sobre o progresso das bellas artes.

Com o fim de mais animar e attrahir adhesões á interessante e sympathica arte architectonica, deliberou ainda a Associação formar uma galeria com os retratos dos antigos architectos portuguezes e

estrangeiros, e igualmente um album com os dos socios nacionaes; devendo ser os dos primeiros a oleo, os dos segundos e terceiros em photographias.

No anno seguinte a Associação foi incumbida pelo *Ministerio do Reino* de informar sobre o valor da propriedade denominada Troia ao sul do Sado em Setubal, propor o modo da sua aquisição, e declarar a importancia historica das antiguidades n'ella existentes. A cuja honrosa commissão a Associação satisfaz, como lhe foi possivel, depois de séria victoria ao local indicado; postoque já o Governo tivesse consultado a Academia Real das Sciencias de Lisboa sobre o mesmo assumpto.

Um facto porém não menos importante e glorioso, que os precedentes, aguardava a Associação. Por alvará de 14 de novembro de 1872 aprouve a Sua Magestade El-Rei D. Luiz I, cuja perda actualmente deploramos, conceder-lhe o titulo de *Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, de que ainda hoje se ufana.

N'este mesmo anno Sua Magestade o Senhor D. Pedro II, Imperador do Brazil, vindo á Europa e visitando Lisboa, dignou-se honrar com a sua presença o museu da Associação, sendo este edificio publico o primeiro da capital a quem fez tal honra (que depois em 1887, repetiu, na sua segunda visita á mesma cidade). Quando se despediu dos socios, que o haviam acompanhado a examinar os objectos archeologicos, agradecendo ajuntou — que louvava a escolha que tinham feito do antigo e historico edificio do Carmo, para n'elle installarem o seu museu; porquanto elle mesmo por si só constituia um interessantissimo monumento archeologico.

A Real Associação em 1875 creou um *emblem*a, correspondente ao seu fim, uma medalha para os socios, que se distinguissem em trabalhos e serviços prestados á architectura, ou em investigações e descobrimentos archeologicos.

Na sessão solemne de 14 de junho de 1876, dia previamente designado por Sua Magestade El-rei o Senhor D. Fernando, pelo mesmo Augusto Senhor foram distribuidas aos tres socios laureados, Dr. Augusto Philippé Simões, Dr. Francisco Martins Sarmiento, Dr. Augusto Carlos Teixeira de Aragão, as medalhas que lhe estavam destinadas pelas suas publicações architectonicas e archeologicas. Foram estes os primeiros socios, que tiveram a honra de receber tão merecidos premios das mãos do Rei Artista que tanta benevolencia e sollicitude mostrara sempre em festejar os progressos scientificos da nação e prestar homenagem aos homens distintos pelo seu saber e patriotismo.

No mesmo anno obteve a Real Associação outra medalha na *Exposição Universal de Philadelphia* pelo desenvolvimento que dera ás investigações ar-

cheologicas e pela sua publicação scientifica em Portugal.

O mesmo Principe, sempre incansavel no desvelo, com que prezava a esta artistica Associação, e estimava o seu credito e prosperidade, dignou-se offerecer-lhe, para a sala das sessões, *um grande busto com a sua effigie*, o qual ornava a preciosa galeria do real palacio das Necessidades.

Com applausos dos ouvintes alguns socios deram prelecções sobre chimica da hygiene domestica, estereotomia, geometria descriptiva, construcção das primitivas abobadas ogivaeas em Portugal e de Paleon-ethnologia.

Em 1880 instituiram-se sessões publicas de leitura artistica e scientifica: util costume, já em uso nas nações mais cultas, agora pela primeira vez inaugurado em o nosso paiz.

No congresso internacional de anthropologia e archeologia pre historica celebrado na Hungria em 1878, fôra designado Portugal para a reunião do 10.º congresso d'esta sciencia; o que effectivamente se verificou em setembro de 1880. Os archeologos estrangeiros, que em grande numero este acto chamou a Lisboa, visitaram o museu, demorando-se tempo bastante em examinar as collecções então existentes. Quando, por convite do Senhor D. Fernando, foram ao castello da Pena em Cintra, quiz o Principe saber a sua opinião sobre os objectos pre-historicos que já havia no museu: o insigne archeologo allemão, o professor Schaufhausen disse a Sua Magestade que, posto achar-se ainda em começo, possuia já alguns exemplares de bastante merecimento, e que as collecções pre-historicas estavam convenientemente dispostas. — Para que ficasse memoria da visita dos sabios archeologos, que eram tambem socios correspondentes da Real Associação, mandou esta gravar os seus nomes em uma lapide; a qual foi collocada n'esse mesmo dia na parede do cruzeiro, do lado direito, com a face para a capella-mór. Os nomes são os seguintes: M. A. De Quatrefages, Francez; E. Cartailhac, Idem; P. Cazalis De Fondouce, Idem; H. Hilde Brand, Sueco; G. de Mortilet, Francez; L. Pigorini, Italiano; M. A. Kraus, Allemão; Barão De Baye, Francez; J. Capelini, Italiano; E. Chantre, Francez; Dr. Virchow, Allemão.

Pelo Sr. Ministro das Obras Publicas, Saraiva de Carvalho, foi pedido á Associação, em officio recebido a 24 de outubro do sobredito anno, que se servisse designar os monumentos, que deviam ser considerados nacionaes, e fazer a classificação dos edificios publicos do reino; trabalho, a que immediatamente se procedeu, sendo o seu resultado publicado no *Diario do Governo* n.º 62 de 1881. Mais um testemunho publico da attenção e confiança, que ao Governo merecia a Real Associação dos

Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, e ella agradeceu com o mais profundo reconhecimento.

Finalmente, para terminar os factos d'este anno, Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Fernando, em companhia de seu irmão, o Principe Leopoldo, se dignou de visitar outra vez o museu do Carmo; mostrando os illustres personagens o maior interesse pelos objectos archeologicos que encontraram.

Em 1883 novo certificado da benevolencia do generoso Principe. Sua Magestade offerece, para o museu, uma preciosa collecção de 39 photographias representando os objectos d'ouro e prata, raros exemplares da galeria das Necessidades, que haviam figurado na *Exposição Industrial de Vienna d'Austria*; realçando-lhes o valor a circumstancia de existirem só tres collecções d'estes primores d'arte da ourivesaria portugueza.

Sua Magestade a Rainha a Senhora D. Maria Pia, acompanhada de seus Augustos Filhos, dignou-se visitar e examinar os objectos archeologicos depositados no museu, e teve a amabilidade de manifestar, quanto estimava achar reunidas nas celebres ruinas do monumento do Carmo tantas e tão interessantes antiguidades. Fez mais: concedeu graciosamente á Real Associação a devida auctorisação para se collocar o seu retrato na sala das sessões em memoria da sua visita; e, para mais subida ser esta honra, offereceu Sua Magestade mesma o alludido retrato, tirado expressamente para este fim: honra, de que os artistas e archeologos nacionaes justamente se ufanaram, e os socios se recordarão sempre com jubilo e reconhecimento.

Com a maior generosidade a Associação offereceu o seu jornal—*Boletim de Architectura e Archeologia da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*— ás camaras municipaes, que tivessem formado bibliothecas populares; sendo o numero de exemplares já publicados, que lhes enviou, 468 com 336 photographias e 246 estampas, e o seu valor 936\$000 réis. Á vista do que, o *Ministerio dos Negocios do Reino* determinou, que fossem dados os merecidos louvores á Real Associação pelos relevantes serviços, que estava prestando á instrucção publica, e pelo interesse que por ella tomava.

Em setembro do mesmo anno foi publicada em Paris na—*Revue Nouvelle d'Architecture et travaux publics*, n.º 40—uma resumida noticia historica da fundação da Real Associação, redigida pelo nosso confrade Mr. Preux; na qual o illustre auctor expoz o desenvolvimento que ella tinha attingido, os trabalhos mais importantes de que se havia occupado, e enfim os serviços por ella dispensados á arte architectural e ao paiz. Foi uma idéa, a que a Associação não pode deixar de ser grata. Bom será, que lá fora conste, que Portugal se esforce por

acompanhar n'este intuito as nações mais adiantadas, e que não fica indifferente ao progressivo movimento artistico e scientifico, que por toda a parte se observa no presente seculo.

Cerrarei este anno com um facto algum tanto extraordinario e certamente inesperado. Quero fallar da visita que o *Principe de Siam*, acompanhado dos seus secretarios, fez ao nosso museu, quando, de viagem pela Europa, veiu a Lisboa. Examinando detidamente as colleções, deu mostras, por suas judiciosas observações, de que lhe não era extranha a sciencia archeologica. Dignou-se de acceitar o diploma de socio, e retribuiu offerendo á Real Associação o seu retrato de corpo inteiro em uma bella photographia.

Em 1885 Sua Alteza o Principe Real D. Carlos, hoje Rei de Portugal, instituiu o *curso de Archeologia*, e destinou premios aos alumnos, que mais se distinguiram. Esta generosa protecção de Sua Alteza foi recebida pela Associação com muitos louvores e justissimo agradecimento: tendo merecido tambem do *Instituto de França* louvores ao *Illustrado Principe portuguez*.

Por outra parte El-Rei o Senhor D. Fernando, mostrando mais uma vez, quanto desejava enriquecer este instituto com obras raras e de grande interesse para os estudos archeologicos e architectonicos, offereceu para a bibliotheca um precioso exemplar da colleção de photographias da Exposição de Arte Ornamental, obra de muito primor.

Possue esta Associação exemplares, até hoje raros, de subido valor historico; mas entre elles tornam-se altamente notaveis as mumias e os craneos, com os proprios cabellos, da raça dos primitivos habitantes do Perú, exemplares que são raros em Portugal. Tão preciosa dadiua é devida á generosidade do illustrado socio, o sr. Conde de S. Januario, varão sempre sollicito em enriquecer as colleções do museu, como realmente já tem enriquecido com outros objectos de grande importancia.

Em abril de 1886, na sessão da assembléa geral foi approvada por aclamação uma proposta do presidente, para que se nomeasse uma commissão, que fosse ao paço da Ajuda sollicitar de Sua Alteza o Principe Real a graça de acceitar a *Presidencia Honoraria* e o *Protectorado da Associação*. Sua Alteza dignou-se recebê-la no dia 10 de maio seguinte com aquella affabilidade, que é peculiar ao seu bondoso character. Ouvindo do presidente o pedido, de que se dignasse occupar o logar de Seu Augusto Avô o Senhor D. Fernando de saudosissima memoria, Sua Alteza accedeu benignamente aos desejos da Associação, manifestando-lhe estar disposto a protegê-la e ajudá-la para o seu progressivo desenvolvimento e prosperidade. Aproveitando o en-

sejo, a commissão patenteou a Sua Alteza, quanto a Real Associação se achava penhorada por ter o mesmo Serenissimo Senhor favorecido os estudos archeologicos em Portugal: facto glorioso, que ficaria assignalado na historia de tão generoso e illustrado Principe.

Egualmente se approvou por unanimidade outra proposta do digno presidente da Associação, para que se pedisse aos prelados portuguezes, que creassem nos respectivos seminarios um curso de *Archeologia Sagrada*; tendo a Associação o prazer de receber a annuência d'alguns a esta utilissima idéa.

Sob a presidencia do mesmo Serenissimo Senhor, em sessão solemne de 24 d'outubro, para este fim convocada, foi lido pelo digno socio effectivo, o sr. Marquez de Vallada, o elogio historico do fallecido Principe, o Sr. D. Fernando de saudosa e honrada memoria, *Presidente Honorario e Protector desvelado da Real Associação*. Com esta solemnidade, a todos os respeitos digna de ser commemorada, quiz a Associação fazer publica a veneração, que tributava aos sublimes dotes de intelligência do *Principe Artista*, e ao mesmo tempo certificar o seu reconhecimento pela protecção constante, com que Sua Magestade sempre a distinguira, dando-lhe nome e consideração.

Terceira proposta foi apresentada ainda pelo digno presidente da Associação, e unanimemente approvada, para se impetrar da camara municipal de Lisboa, que mandasse collocar uma lapide com escultura na parede do andar nobre do edificio do antigo convento das Necessidades entre as duas janellas do gabinete, que servia de *atelier* do Senhor D. Fernando, como publico testemunho de veneração pela memoria, não d'um soberano, mas do Rei artista, n'aquelle palacio fallecido, que por suas produções nos diversos ramos das bellas artes, e principalmente por se ter dedicado com tanto esmero á pintura em ceramica, desenvolvendo em Portugal, no seculo xix, o gosto por este genero, se tornou credor do nosso respeito e de ser recomendado á posteridade. Alcançou se de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Luiz, a necessaria licença; mas... pena é dizê-lo, tres annos são já decorridos, e ainda a camara não satisfaz a uma homenagem, que presentemente se concede aos homens de reconhecido e notavel merecimento!

Na sessão solemne de 18 de novembro de 1888, Sua Alteza o Principe Real dignou-se pessoalmente entregar as medalhas de prata tanto aos archeologos nacionaes, como estrangeiros, que se dedicam com constante perseverança e intelligencia ao progresso dos conhecimentos scientificos, e que principalmente se desvelam para que Portugal alcance maior nome n'esses estudos. Os condecorados foram — o Dignissimo Prelado de Beja,

Xavier Monteiro, pela inauguração no Seminario da sua diocese do curso de Archeologia Christã; o insigne archeologo francez Emilio Cartailhac pela sua excellente publicação *Archeologia pre-historica em Portugal*; e o illustrado Dr. Americano Inglez, Elmer Reynolds pela offerta importante de *collecções de instrumentos pre-historicos* por elle descobertos nos Estados-Unidos do Norte: estando presentes a esta sessão os Ministros das Respectivas nacionalidades. A Real Associação por estas merecidas demonstrações publicas não só manifesta o seu reconhecimento aos seus socios estrangeiros, como tambem se orgulha de laurear os nacionaes, que se distinguem por assignalados serviços feitos ao seu paiz e á sciencia archeologica.

Em suinma, se n'este primeiro cyclo a Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes não tocou aquelle grau de perfeição, a que mira o seu desejo; porque, não tendo sido auxiliada pelo Governo, como se pratica nos outros paizes civilizados, não logrou realisar esse empenho: todavia pode afoutamente dizer, poz em acção todos seus limitadissimos recursos, todos seus esforços e boa vontade, para dar impulso aos estudos architectonicos e archeologicos, até então pouco attendidos em Portugal. Se outras provas não houvera d'este seu perseverante pensamento para confirmar a utilidade dos seus serviços, bastaria considerar, que existem presentemente no reino cinco outros museus analogos, e que em 1864, epocha da fundação do primeiro em Lisboa pela Real Associação, não havia nenhum. Foi portanto a sua iniciativa o que despertou, muito tempo depois, egual cuidado na conservação das antiguidades, que jaziam dispersas nas provincias, onde elles se fundaram.

Finalmente as *prelecções* que se deram; as *exposições publicas artisticas e archeologicas* promovidas no seu museu; as repetidas recompensas, que aos 14 socios laureados se conferiram por seus trabalhos scientificos ou descobrimentos archeologicos; o curso para o ensino da archeologia pre-historica e historica; as distincções recebidas não só na *exposição nacional*, mas tambem nas *universaes estrangeiras*; a publicação d'um jornal especial illustrado com estampas de grande formato, o primeiro d'esta natureza em Portugal; as suas pre-

ciosas *collecções* de objectos antigos de todas as epochas: são sem duvida outros tantos documentos do zêlo e fadiga da Real Associação em promover e diffundir entre nós estes uteis conhecimentos até ha pouco tão descurados, e sobre tudo da sua nobre dedicação em salvar do vandalismo o sem numero de antiguidades e monumentos em que se firma a gloriosa epopêa do nosso paiz.

Mas o publico illustrado lavrará o seu *veredictum* nos fastos da nação, conforme fôr justo e digno do seu respeitavel criterio e patriotismo.

Não obstante, a Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes não quiz deixar de solemnizar esta epocha, que *marcará nos annaes do instituto os cinco primeiros lustros da sua existencia em Portugal*; e, para dar maior e mais duradouro testemunho d'ella, mandou cunhar uma *medalha commemorativa*, que será distribuida ás *Pessoas Reaes Portuguezas*, ás bibliothecas nacionaes, e bem assim a todas as associações estrangeiras, com que mantem relações artisticas ou scientificas e laços de reciproca fraternidade; para lhes provar, de quanta gratidão se acha possuida para com ellas pelas muitas demonstrações de estima e consideração, com que a tem honrado e distinguido; e finalmente, para que mais constem e mais se affirmem estes sentimentos da Real Associação, compraz-se em deixar aqui gravados, para memoria, os nomes ou titulos das referidas Associações, que são os seguintes:

Associação dos Architectos do Real Instituto Britannico.—Sociedade dos Architectos Neerlandezes.—Associação Central dos Architectos de Paris.—Sociedade de História e de Archeologia de Compiègne.—Instituto dos Architectos de Philadelphia.—Idem Franceza de Archeologia de Toulouse.—Idem dos Architectos do Norte da França, Lille.—Idem dos Engenheiros e Architectos de Madrid.—Idem de Archeologia Christã de Roma.—Idem de Historia Patria de Palermo.—Idem dos Architectos e Engenheiros de Florença.—Idem de Historia de Architectura de Lyão.—Idem dos Architectos de Nice.—Idem de Archeologia de Barcelona.—Idem Catalanista de Excursões Scientificas, Barcelona.—Academia de Architectura de Emilia, Italia.—Idem dos Antiquarios de Athenas.—Idem dos Architectos e Engenheiros de Roma.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

ARTE MONUMENTAL DOS POVOS DA ANTIGUIDADE

Posto que os monumentos que existem na Persia sejam incompletos, e a maior parte mutilados, toda-

via são sufficientes para nos dar uma ideia do talento e gosto na architectura dos antigos habitantes d'esse paiz, e podermos avaliar a sua arte monumental em relação á dos outros povos da antiguidade. Os

vestígios que temos para fazer essa comparação, constam unicamente de grutas funerarias ornadas de grandissimos baixos-relevos executados nos flancos das montanhas, e dos fragmentos de um vastissimo palacio, que mostra ainda qual fôra o poderoso imperio de Cyrus o *Grande*, e de alguns dos seus successores.

A historia refere que Babylonia era mais antiga que Ninive; porém a Ninive que nós conhecemos é uma cidade edificada posteriormente pelos conquistadores arianos; povo pertencente a essa raça, a unica que tinha a inspiração das bellas-artes; foi ella que edificou esplendidos palacios cheios de maravilhosas esculpturas, das quaes as mais antigas datam do meiado do xiii seculo, antes da era vulgar, pois em toda a parte onde esses povos se estabeleceram, deixaram uma architectura propria. Recentes descobertas foram feitas na Asia occidental que vieram ajuntar mais um capitulo muito importante para a historia da arte monumental na Persia: porque os monumentos assyrios que se desenterraram n'estes ultimos annos, depois de estarem perdidos durante 24 seculos, nos deram o verdadeiro conhecimento da sua architectura religiosa e civil n'esses edificios reaes e do culto, descobertos no solo da remota Ninive, uma das cidades primitivas do mundo. Estes edificios estão situados sobre a margem esquerda ou oriental do Tigre superior. Destinados a dominar a vasta planicie onde foram construidos, erguiam-nos sobre monticulos artificiaes, e sustentavam-nos recintos construidos com tijolos seccos ao sol.

A descoberta dos monumentos architectonicos de Ninive e a leitura das inscrições *cuneiformes* são da maior importancia para as sciencias historicas. Estas inscrições vieram esclarecer os tempos primitivos da Asia Occidental, e abriram vastos horizontes á sciencia historica, philologica, e ethnologica; encontrando-se n'ellas tambem, o typo da architectura dos Persas.

Os escriptores antigos conservaram poucas particularidades ácerca dos assyrios, cujo reino se estendia sobre a margem direita do Euphrates, e occupava a parte do paiz chamada hoje o Kurdistan. Sabemos unicamente que os costumes e as ideias religiosas dos povos da Assyria eram quasi os mesmos que os dos Babylonios. A sua capital Ninive podia passar pela maior cidade que tinha existido no mundo, e como sendo a séde de uma das mais remotas civilisações. Achava-se esta capital cercada de muralhas com 33^m de alto, e eram tão largas para que duas quadrigas podessem correr de frente sobre a sua grossura, tendo de extensão 27 kilometros $\frac{1}{2}$: esta muralha era fortificada por 1:500 torres de 62^m de altura. Sabe-se que tão grandiosa cidade fôra destruida pelos Babylonios, unidos com

os Persas contra os Assyrios. A immensa extensão que tinha Ninive, não nos deve surprehender, lembrando-nos o que eram as cidades da mais remota antiguidade, que continham campos, hortas, jardins; pois que toda a sua superficie não ficava occupada unicamente pelas ruas e casas. As descobertas recentes confirmam o que disseram os escriptores antigos a respeito da grandeza d'esta cidade. A destruição final de Ninive pelos Medas sob o commando de Ciaxare data do anno 606 antes da era vulgar.

O palacio de Nemrod era o mais antigo de todos de Ninive. Um outro palacio designado pelo nome de Sardanapalo, que havia reinado 12 seculos antes da era vulgar, comprehendia o espaço de 90^m por 80^m. A entrada principal era virada para o Norte, no cimo havia uma grande escada que conduzia do rio ao terraço, onde estava situada a habitação real. Duas portas ornatadas com dous touros alados, davam comunicação a uma grande sala de 46^m,30 por 9^m,75 de largura: havendo mais 4 salas de diferentes dimensões, alem das ruinas de outros aposentos.

Ha em outros pontos mais 4 palacios de menor grandeza: recentes escavações sobre o logar da pyramide de Nemrod, fizeram descobrir uma parte dos alicerces formando um quadrado de 51^m com a grossura de 2^m,64. Estas ruinas têm presentemente 43^m de elevação, e julga-se que deviam ter 61^m de altura: os Gregos designavam a pyramide de Nemrod, como sendo o tumulo de Sardanapalo.

Em frente de Mossoul, encontrou-se um vasto e magnifico palacio de Koyoundjeek, edificado por Sennacherib, filho de Sargon, o qual reinára em 713 antes da era vulgar. Este palacio foi edificado pouco distante da margem do rio, no angulo Noroeste de Ninive. O monticulo sobre o qual o construíram, tem para mais de 2:400^m de circumferencia; formando um quadrado de perto de 200^m. Compunha-se de muitos pateos espaçosos; cercavam-no 60 salas de diferentes grandezas, algumas das quaes têm um extraordinario comprimento. A principal fachada tinha por ornamento 10 touros alados com cabeças humanas.

Entré o numero dos assumptos representados sobre os baixos relevos que ornavam o interior dos diferentes palacios de Ninive, nota-se uma arvore, a cada lado da qual está collocada uma figura de homem, um sacerdote com cabeça de aguia. Esta arvore sagrada, era a arvore da vida, que recebia as adorações d'estas duas figuras.

A maneira que os monumentos historicos do Egypto e da Asia occidental fôram mais bem conhecidos, mais facil foi descobrir-se a origem de todos os symbolos e de todas as allegorias, de que os Judeus e os Arabes se serviram imitando-os nos seus livros sagrados.

Descobriu-se no palacio central de Nemrod um obelisco em marmore preto com 4 faces, collocado sobre 3 socos: está ornado com 20 baixos relevos, e representa um rei d'Assyria recebendo tributos de varias nações vencidas. Julga-se que este obelisco data de 885, antes da era vulgar e pertence ao reinado de Divannonbar. Não se ignora que os obeliscos de pequenas dimensões, ficavam segundo o uso collocados sobre as margens do Tigre e do Euphrates. Théophrasto falla de um obelisco de esmeralda da altura de 1^m,98 que fôra offerecido a um rei do Egypto por um monarcha da Babylonia. Vê-se sobre o obelisco preto de Nemrod o elephante, o touro, o rhinoceros. Entre os povos tributarios representados sobre os baixos relevos do palacio de Koyondjeck, nota-se que alguns têm um penteado ornado de plumas, semelhante ao dos povos da America, e principalmente usado pelos Mexicanos.

Haverá alguma relação entre o povo com o penteado de plumas, nomeado Tokkari, representado nos baixos relevos de Ninive e aquelles que emigraram para a America? É verdade que entre elles medeia um periodo de 1:000 annos; mas n'estes povos do Oriente da Asia e principalmente na época de que nos occupamos, os usos e costumes não se mudavam rapidamente. Será pois possivel que os Tokkaris fossem descendentes d'aquelles que se ariscaram atravez o Oceano e descobriram a America. Não vem longe o tempo em que esta questão ficará resolvida.

Ao noroeste de Khorsabad, se descobriram esculpturas as mais importantes de Assyria: as de Basiam sobre o Gomel, que estão esculpidas na rocha, são do tempo de Sennacherib. Nas inscrições que as acompanham, se referem os grandes trabalhos hydraulicos emprehendidos por este principe; e a sua conquista da Babylonia, afim de recuperar as imagens dos deuses d'Assyria que haviam sido roubados 418 annos antes pelo rei de Mesopotamia. A qualidade e o numero dos monumentos de Basiam fazem suppôr que ali era um logar sagrado, destinado para as ceremonias religiosas e sacrificios nacionaes.

A architectura de qualquer povo é em parte determinada pela natureza dos materiaes que offerece o paiz em que ella existe e pela applicação dada aos monumentos que elle edifica. A Assyria era quasi inteiramente um solo de alluvião, inundado pelo Euphrates e pelo Tigre. Foi sobre as margens d'estes dois rios que fertilisavam o paiz, e facilitavam as communicações entre provincias affastadas umas das outras, onde os assyrios fundaram as suas primitivas cidades. Para edificar as habitações e monumentos, os chefes assyrios levantaram montículos artificiaes: tal é a origem d'esses vastos terraços que dominam as planicies da Assyria e que

têm desafiado o tempo e o mar destruidores dos homens, e principalmente aquellas planicies pertencentes aos arabes. N'esta região, pobre de pedra e de granito, serviam-se de tijolos seccos ao sol para as suas construcções: estes materiaes primitivos são ainda hoje empregados no mesmo paiz.

Com o fim de rememorar as façanhas dos reis ou as figuras das divindades, os assyrios serviam-se de laminas de alabastro: estas folhas mais altas que compridas cobriam as paredes. Tinham o cuidado de lhes gravar no reverso uma inscrição designando o nome, o titulo, e a genealogia do principe que emprehedia a edificação dos monumentos.

As entradas principaes das salas do palacio Nemrod, eram formadas por gigantescos touros e leões alados com cabeça humana. As entradas menos apparatusas eram guardadas por figuras collossaes, de divindades ou de sacerdotes. Sobre as couceiras das portas da entrada, era uso collocarem estatuetas de divindades, no intuito de protegerem os monumentos.

Dos fragmentos que existem, são estes os principaes que nos dão ideia, posto que imperfeita, de qual era o caracter da arte monumental dos antigos Persas. Todavia ha toda a probabilidade de conhecermos mais positivamente essa architectura, pelas novas excavações protegidas pelo governo francez, que se teem feito nos logares mais importantes d'aquelle paiz; e teremos então dados positivos para formar um juizo mais completo sobre o seu estylo.

A arte monumental de Babylonia deriva dos Arianos e dos povos Semitas da mais primitiva antiguidade, ficando quasi inteiramente concentrada nos limites da mesma Babylonia, capital do imperio. As ruinas d'esta antiga cidade não são para se comparar nem por sua belleza, nem pelo seu estado de conservação, ás que existem nos outros paizes da antiguidade, de que tratarei depois; porém os montões de entulhos e fragmentos de seus vestigios que se observam com tanta admiração, merecem todavia uma attenção especial. Essas ruinas devem ser classificadas entre as mais interessantes das civilisações que nos deixaram as eras remotas para causarem nossa meditação.

Mas ali não se encontram nem columnas, nem capiteis elegantes, não se vê entablamentos com frizos cheios de arestas, nem tão pouco frontões ornados de estatuas; não se encontra mais do que paredões de extraordinaria altura, e solidas construcções, vestigios de immensos recintos, palacios vastos; consistindo unicamente esta arte monumental na concepção da extraordinaria extensão horisontal e excessiva altura perpendicular das collossaes dimensões dos seus monumentos.

Os monumentos de Babylonia datam de duas

Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes



Palacio das Bellas Artes da Exposição Universal de Paris—1889

epocas bem distinctas: os da 1.^a epoca pertencem á fundação da cidade, ao antigo imperio babilonio; sendo a esta época remota que pertence o templo e a torre de Belus ou Baal, e o antigo palacio situado sobre a margem occidental do Euphrates. Lá como sobre as margens do Nilo, pozeram o rio de permeio entre si e o inimigo, os Arabes. Os monumentos de segunda época são dos principes chaldeos; os jardins suspensos e alguns outros monumentos pertencem-lhes.

A divindade Belus tambem se encontra em Ninive nas esculpturas que ornã as paredes interiores dos palacios.

Em Babylonia, o deus celeste asiatico Zeus foi alliado ao fundador humano da cidade da Babylonia, o qual tinha vindo por mar do Egypto com uma colonia, que se refere aos navios que appareceram 2:500 annos antes da era vulgar na foz dos rios Tigre e Euphrates.

Muito tempo antes d'esta época já existiam as pyramides de Memphis. Tambem se encontra a fórma architectonica da pyramide egypcia, na configuração do templo de Bel em Babylonia. Encontra-se igualmente na theologia babylonia a mesma divindade celeste adorada no Egypto. Existia pois mais de uma semilhança entre a theologia e architectura dos babilonios e a dos Egypcios; e pela sua comparação se conclue, que os primeiros receberam a sua civilisação dos segundos, porém a civilisação babylonia não poudé conservar-se isenta de influencias externas, como havia acontecido á do Egypto: pois moldara-se á dos Medas, dos Arabes e Assyrios, que haviam tambem modificado o seu gosto das bellas artes ao caracter material da sua significação.

Babylonia estava situada n'uma planicie immensa e fertil sobre o Euphrates; este rio atravessava a cidade do Norte ao Sul, separando-a em 2 partes que se communicavam por uma unica ponte de cantaria, tendo de comprimento 924^m,73 e de largo 9^m,24.

Uma muralha de tijolos de 92^m,50 de altura, sobre a largura da qual dois carros podiam correr, circumdava Babylonia, e 250 torres com um largo fosso externo cheio de agua do Euphrates protegia a cidade. Cem portas de bronze davam saída aos habitantes; havendo mais cincoenta que se cruzavam em angulo recto, tendo 15:000 passos de extensão!

No angulo sudoeste de Babylonia estava situado o templo de Belus, ou Baal, mais antigo monumento depois da pyramide de Memphis, dedicado ao Sol.

Elle era formado por um quadrado que tinha 369^m,91 de cada lado; as portas eram tambem de bronze; oito grandes degraus, da altura cada um de 32^m, davam a esta pyramide a configuração de um throno, visto de todos os lados; sobre o ultimo

degrau havia um grande templo dentro do qual estava um magnifico leito de ouro e junto d'elle uma meza igualmente de ouro; não havia estatua nenhuma n'este templo, mas uma mulher, não sempre a mesma, licava ali todas as noites.

Na base d'esta grande pyramide havia outro templo com uma grande estatua de ouro representando Belus sentado: proximo d'esta estatua via-se uma mesa de ouro para receber os manjares dados em offerta; o throno e a escada eram do mesmo metal. Os Chaldeos davam-lhe o valor de 800 talentos de ouro, isto é, 42 milhões. Serviria esta pyramide de observatorio astronómico aos Chaldeos?

O tumulo de Baal está posto n'este templo, e foi aberto por Xerxes. Este grande monumento nacional foi restaurado por Nabuchodonosor.

A arte monumental brilhou com um grande esplendor em Babylonia, quando esta cidade reunia em si quasi uma nação toda e fazia o assombro do mundo pela sua grandeza e opulencia: sendo as construcções mais celebres os seus palacios reaes e os jardins suspensos, foi o templo de Belus, que nos conservou a tradição.

Babylonia possuia duas fortalezas, servindo de residencia real, conforme o uso d'esses antigos tempos. O primeiro recinto tinha perto de 3 leguas de circumferencia e era de extraordinaria altura; o segundo recinto tinha duas leguas de desenvolvimento, 300 tijolos dayam grossura ás suas muralhas com 24^m,64 de altura. Haviã representado sobre estas muralhas as formas de todas as especies de animaes, pintados com as suas verdadeiras côres. Finalmente o terceiro recinto que continha a praça d'armas, occupava o espaço de meia legua de contorno. Sobre estas muralhas haviã figurado diferentes caçadas; via-se em uma a rainha Semiramis, lançando um rojão, e Nino ferindo com a sua lança um leão. Tres portas de bronze abrindo-se por meio d'um machinismo, fechavam estes tres recintos. A segunda fortaleza era menos importante, isto é, occupava legua e meia de espaço, e era adornada com estatuas de bronze de Semiramis, de Nino, do deus Belus e dos governadores das provincias. Encontraram-se tambem passagens subterraneas.

(Continúa).

J. P. N. DA SILVA.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA N.º 86

A photographia do presente numero representa uma das mais importantes e bellas construcções do parque da Exposição Universal de Paris em 1889, o PALACIO DAS BELLAS-ARTES, que se admirava no numero d'aquellas que attrahiam tanto a attenção dos architectos a examinal-as, não sómente pelo merecimento de sua composição como igualmente

pela sciencia que foi preciso desenvolver com muita pericia, n'esta tão grandiosa obra, a qual deu merecido nome ao insigne architecto Mr. Formigé.

A fachada tinha frente para os jardins do *Campo de Marte*. A entrada principal compunha-se de tres grandes arcadas de volta inteira, subdivididas em duas partes, pertencendo a mais alta ao piso do andar superior. Cada arcada era circumdada por archivoltas formadas com azulejos de varias côres e com medalhões, tendo os fundos dos tympanos em esmalte.

O remate d'esta entrada era composto por uma attica na qual sobresaíam tres nichos com estatuas, symbolisando as Bellas-Artes.

Aos lados das arcadas havia, formando cunhal, duas elegantes pilastras quadradas, tendo no cimo, mais superior aos nichos, dois corpos de fôrma quadrada com grandes mostradores de relógio, cujos corpos eram encimados por corôas de metal, e um friso com fundo dourado por baixo da cornija. Cada pilar de ferro era vestido com almofadas de azulejos, tendo um grande escudo esmaltado a servir-lhe de capitel, cujo colorido se harmonisava com a decoração da parte central. Por detraz e por cima da attica, um outro friso comprehendido entre os dois nichos do extremo, e um frontão que parecia ligar-se á esbelta cupula central, a qual avultava com vistosa fôrma, coroando o soberbo palacio das Bellas-Artes, ladeado com porticos de largas dimensões de verga curvilínea, separada na base por uma balaustrada que corria em toda a extensão lateral do edificio.

No interior tinha este palacio duas grandes naves cada uma de 89 metros de comprimento por 50 de largura, ficando ligadas ao espaço circular do zimbório principal, o qual tinha 32 metros de diametro e 56 metros de altura.

Este palacio terminava em dois torreões com cupula, sobre base quadrada, tambem com decoração colorida de ceramica imitando a ornamentação central, e acabando em fôrma de ferradura e n'uma superficie de 107.985 metros quadrados.

A parte central do edificio foi destinada para a *exposição centenaria* ou *exposição retrospectiva* da arte franceza; as duas alas continham a *exposição decennaria* dos artistas francezes e estrangeiros.

No rez-do-chão do pavilhão central estavam *esculpturas*, *desenhos de architectura*, e a *exposição retrospectiva* de manufacturas do afamado estabelecimento de *Sèvres*.

No andar superior ficou collocada a *pintura* de baixo da cupula que se avantajava á escada *monumental* e na parte que tinha a fachada para o lado do jardim.

Esta estupenda construcção de ferro não foi unicamente uma ousadia que os architectos civis fran-

cezes delinearam e dirigiram. Já em 1867 e 1878 haviam tentado servir-se d'esse metal para as construcções das galerias das exposições d'essas duas epochas, porém foram ensaios feitos com timidez, porque modificações d'esta importancia não se conseguem em alguns mezes e os estylos não mudam repentinamente: portanto, d'esta vez desprezaram o emprego de columnas que estorvavam, e as espessas paredes que impossibilitavam a facil circulação. Não se empregaram frontões inuteis nem entablamentos que esmagavam a edificação, nem tão pouco cupulas de cantaria, nada de peias pedantes ao senso commum e ás necessidades da actual civilisação. Em lugar de estorvos oppressivos e limitados, preferiram-se armaduras de ferro que deixavam passar sem obstaculo a luz e o ar, servindo-se de pontos de apoio delgados tendo a grossura mathematica precisa para a resistencia e estabilidade das construcções ousadas dos zimbórios, erguendo-se elles sem custo 50 a 60 metros no ar. Os porticos eram espaçosos e não impediam o transito dos visitantes.

A columna e a pilastra sem as quaes parecia impossivel delinear-se uma fachada monumental desapareceram completamente; o constante e monotono entablamento ficou aqui substituido por um contorno. Conservou-se em tudo harmoniosa elegancia, ficando na construcção evidente não só a sua estrutura como a sua solidez. No exterior dá-se a conhecer a applicação do edificio; não se vê rebouco nem alvenaria, o metal é vencedor de um prejuizo imbecil, e recebe a consagração official da *arte monumental* n'este seculo.

Ninguém poderá desconhecer quanta valia têm as Bellas-Artes nas suas edificações, comparado o aspecto *frio*, triste e nú da Torre Eiffel com o agradável e encantador monumento d'este palacio da Exposição: todavia o *esqueleto* é tambem *tudo de ferro*; os estudos architectonicos deram-lhe a sua delineação, belleza e attractivo que sómente a architectura civil pôde offerecer e executar, imprimindo o preciso character monumental aos edificios civis. Não ignoramos que os conhecimentos scientificos são necessarios para se produzirem obras modernas que satisfaçam os progressos artisticos e sociaes. Convém que tanto a classe dos engenheiros como a dos architectos cada vez mais se congreguem para o progresso d'essas construcções, ligando se intimamente em sincera e reciproca fraternidade.

Uma saudosa recordação de um bom amigo e estimado confrade e collega do Instituto de França, o fallecido architecto Victor Baltar, nos faz dar o brado, de que foi elle o primeiro architecto que iniciou as *construcções civis de grandes dimensões* e o emprego do ferro, tanto nas *Halles Centraes* de Paris em 1866 como na edificação da igreja de Santo

Agostinho em 1872; e se elle existisse agora, sem duvida teria tambem nas recentes construcções em que se emprega o metal, alcançado louvores pelas suas obras n'este genero, como obtiveram os seus emulos no actual anno. Portanto não se deve olvidar o nome d'este insigne architecto, como o iniciador tambem ousado d'estas novas construcções, tanto mais para louvar que ainda não ha 23 annos que se generalisaram os estudos scientificos da resistencia d'esse metal. É pois de reconhecida justiça citar-se com elogio o nome de um artista tão distincto por essas e outras construcções architectonicas que lhe grangearam fama e consideração de todos os seus confrades nacionaes e estrangeiros.

J. DA SILVA.

RESUMO ELEMENTAR DE ARCHEOLOGIA CHRISTÃ

(Continuação)

As pias romans eram de variadissimas fórmas; algumas semelhantes a uma vasilha.

O grande impulso que na Allemanha teve a arte da ourivesaria durante o xi seculo, longe de affrouxar no seculo seguinte, pôde conservar-se na vanguarda do movimento artistico da Europa Central e Occidental.

Com a applicação do *esmalte*, os objectos de ourivesaria mudaram completamente de aspecto no xi e xii seculos. Até ali a accumulção das pedrarias ligadas por folhagens de filigranas constituia todo o segredo de ornamentação dos ourives do Occidente; desde o fim do x seculo que as laminas duplas e lavradas alternam a maior parte das vezes com laminas esmaltadas. Estas encontram-se não só nas grandes peças de ourivesaria taes como as molduras e as alfaías dos altares, mas até nos menores objectos.

Os primeiros esmaltes fabricados na Allemanha foram engastados em ouro e prata, semelhantes aos que os Bysantinos fabricavam durante a segunda metade do x seculo; mais tarde tambem se empregou o cobre com o qual se douravam as partes que ainda ficavam visiveis depois da incrustação do esmalte. Foi a começar no xi seculo que em algumas localidades substituíram o esmalte introduzido no rebaixo pelo dividido em separação.

Até meado do seculo xii, a influencia Bysantina é apparente nos esmaltadores Rhenanos. Durante bastante tempo, com effeito, os esmaltadores allemães imitaram o estylo Oriental, reproduzindo mais ou menos fielmente typos bysantinos, modificando-os comtudo segundo o seu proprio engenho. Os seus processos technicos tambem se resentem da origem Bysantina da arte allemã: é assim, por exemplo, que, nos esmaltes em separação, e até mesmo nos

mais antigos esmaltes executados em rebaixos, as carnações são substituidas pela pasta vitrea, a exemplo do que se praticava em Constantinopla. Com tudo isto, os esmaltadores das margens do Rheno não tardaram em gravar sobre partes do metal lizo as figuras de pequenas dimensões, enquanto que para as grandes, continuaram ainda, durante algum tempo, a esmaltar as roupas; e n'este caso só se serviam da gravura para as carnações. No final do xii seculo, para proceder sem duvida d'uma maneira mais expedita, começaram a gravar figuras inteiras, ainda mesmo que tivessem uma certa grandeza, e quasi que não era preciso gravar com esmalte os entalhos, muitas vezes grandes e profundos da gravura.

Em França, os ourives do xi seculo e dos primeiros annos do xii, continuaram a servir-se exclusivamente, para a decoração das suas obras, de placas cinzeladas ou até simplesmente estampadas, e de applicações de pedrarias ligadas com filigranas. Até 1145 os ourives francezes ignoravam o modo de gravar do esmalte; tanto que, quando no principio d'esse anno, *Suger*, abbade do mosteiro de S. Diniz, proximo de Paris, quiz mandar fazer uma peanha e cobril-a de placas de esmalte engastadas sobre cobre, viu-se obrigado, segundo elle mesmo conta, a chamar em seu auxilio ourives da Lotharingia, em numero de cinco ou sete, que tiveram o trabalho de terminar esta obra em dois annos.

As producções dos primeiros esmaltadores francezes apresentam grandes analogias com as dos allemães do Rheno, que vieram ensinar a arte de esmaltar, em França.

Uma vez começado, o gosto pela ourivesaria esmaltada em breve foi augmentando em França, e deu lugar a que, em 1160, se creasse uma celebre escola de esmaltadores em cobre cuja séde foi em Limoges.

Nos primeiros ensaios, os ourives de Limoges procuraram dar aos seus esmaltes o aspecto do dos allemães; representavam as figuras inteiras, até as proprias carnações, com côres de esmalte; só aproveitavam o metal para lhe fazer traçar as principaes linhas do desenho. Em pouco tempo, para mais rapida e mais barata producção, renunciaram a este processo e principiaram a gravar logo sobre o metal, todas as figuras e a esmaltar apenas o fundo. Muitas vezes até substituíam as partes gravadas por figuras em alto relevo de bronze fundido e cinzelado. Os esmaltadores de Limoges cederam em parte a sua obra ao gravador, ao esculptor, ao fundidor e ao cinzelador, limitando assim o seu trabalho á simples decoração dos fundos, operação que se tornava pouco difficil.

Pelo lado artistico o esmalte rhenano é muito

superior ao de Limoges. Os esmaltes fabricados no seculo xi e no xii nas margens do Mós, em Liège, Maestricht, Stavelot, em Waulsort e em Gembloux têm os caracteres da escola rhenana, cujo principal centro de fabrico era em Colonia, constituindo por isso uma variedade dos esmaltes rhenanos. As diferenças que se encontram entre os esmaltes com rebaixo de Limoges, os do Rheno e os do Mós são estas: nos primeiros predominam as cores azul e verde claros, claros, em quanto que nos outros são o verde e o azul carregados. Os esmaltadores do Rheno e os do Mós servem-se de algumas cores que lhes são proprias: o bello azul de torquesa, o branco de leite, o vermelho de purpura muito vivo e o preto. Os tons são mais harmonicos na Belgica e na Allemanha, e mais vivos e asperos na França. Os esmaltes do Rheno e do Mós reproduzem scenas em que toma parte um grande numero de personagens, com inscrições latinas em verso, gravadas e encrustadas de esmalte; nos de Limoges não se encontram inscrições a não ser apenas um ou outro nome. Os diferentes labores que os esmaltadores do Rheno e do Mós executavam sobre o cobre e com as incrustações de esmalte, são notaveis pelo bom gosto e variedade de assumptos, qualidade que se não encontra entre os de Limoges.

Os objectos, grandes ou pequenos, ornados com esmaltes do Mós ou do Rheno apresentam geralmente uma particularidade que se não observa na ourivesaria franceza contemporanea. Têm, além das placas esmaltadas, filigranas e pedrarias, placas de cobre vermelho com ornatos e inscrições douradas sobre campo brunido ou vice-versa.

Calices e patênas. Conservou-se, durante o periodo roman, o uso dos calices ordinarios e ministeriaes.

Os calices ordinarios do viii e do ix seculo têm muitas vezes, como os do periodo Latino, a taça profunda e estreita, o pé pequeno e ligado á taça por um simples nó sem haste.

No ix seculo começou a usar-se a taça maior, e ás vezes de fórma espherica e com azas. O pé conserva-se ainda n'este seculo com as mesmas dimensões que nos precedentes.

Os calices do xi e do xii seculos têm a taça e o pé muito grandes, o nó bastante grosso e a haste curta quando a têm.

Na Allemanha encontram-se calices do xii seculo que têm o exterior da taça inteiramente coberto de medalhões, de esmaltes, de pedrarias e de filigranas; estes ornatos são apenas interrompidos por um pequeno espaço semi-circular destinado para o padre applicar o labio inferior durante a communhão.

Os mysterios da vida e da paixão do Salvador e principalmente a sua crucifixão, eram os assumptos

que os artistas mais gostavam de reproduzir sobre os medalhões circulares ou ovaes com que decoravam a taça e o pé dos calices.

Em geral compõem-se d'um reservatorio sustentado por um grosso fuste cylindrico, ou mesmo por um pilar quadrado, e também se encontram alguns cujos angulos se apoiam sobre quatro columnas.

Estas pias baptismaes, exteriormente quadradas, são os reservatorios circulares e ovaes, tendo as faces externas esculpidas com flôres, folhagens, arcos, animaes phantasticos, carrancas e até é facil vêrem-se assumptos legendarios ou historicos.

Grades. Os romanos faziam muitas vezes grades fundidas em bronze. Na Italia e no Sul da Allemanha ainda se empregaram até ao xi seculo estas grades.

Carlos Magno empregou o bronze nas grades da igreja de Aix-la-Chapelle que foram, assim como o edificio de que fazem parte, uma importação meridional.

Durante o xi e xii seculos, as grades eram compostas de montantes verticaes mettidos n'uma moldura e encerrando ornatos formados de barras, de secção quadrada ou rectangular; estes ornatos consistem em geral em curvas entrelaçadas.

Alfaias religiosas

No seculo viii estavam as artes e as sciencias inteiramente decabidas no Occidente, em consequencia das continuas guerras provocadas pelas invasões dos barbaros. Os processos technicos das artes industriaes e mais facéis de adoptar tinham quasi caído no esquecimento. No imperio do Oriente, pelo contrario, o culto das artes não cessou de prosperar desde Constantino Magno até ao xi seculo inclusivamente, graças á protecção generosa dos imperadores bysantinos. Também, logo que se seguiram os primeiros mementos de socego depois das tempestades politicas, pensou-se na Italia e no resto do Occidente em dotar de alfaias convenientes as egrejas e basilicas que se acabavam de construir ou de restaurar e para isso foram obrigados a dirigirem-se a Constantinopla tanto para procurar os objectos que desejavam como para obter artistas aptos que annuissem a vir trabalhar no Occidente.

Durante muito tempo os artistas verdadeiramente dignos d'este nome, pintores, esculptores, ourives e outros, continuaram a vir de Bysancio, e quando no principio do ix seculo, Carlos Magno quiz decorar com mosaicos e enriquecer com vasos sagrados e outros objectos d'arte o edificio religioso que elle acabára de construir em Aix-la-Chapelle, teve que se dirigir a artistas gregos ou aos discipulos que se haviam formado na Italia, particularmente em Ravenna.

Com os inferiores successores d'este principe, a arte cessou de ter desenvolvimento, retrocedendo tanto na Europa central como na Occidental, ao mesmo estado de barbaria em que se achava antes dos esforços empregados por Carlos Magno para restabelecer o seu progresso.

No fim do x seculo, produziu-se no Occidente um movimento util nos estudos artisticos; os artistas gregos foram ainda aqui, como mais tarde na Italia, os iniciadores que presidiram a este movimento instructivo.

A restauração artistica, começada sob a influencia dos artistas bysantinos, foi extremamente rapida na Allemanha. Desde o fim do x seculo, a escola de Trêves, dirigida pelo bispo Egberto, deu nascimento, no territorio germanico, a muitos outros centros artisticos creados pelos bispos nos seus palacios episcopaes, ou pelos abbades nos seus Mosteiros. Santo Henrique que governou o imperio do Occidente durante o primeiro quartel do xi seculo, foi tambem um dos grandes promotores da restauração artistica na Allemanha.

Os *calices ministériaes* conservaram, durante o periodo roman, a mesma forma que tinham tido anteriormente. A sua decoração é a mesma que a dos calices ordinarios. São munidos d'azas com a forma de folhagens, ou de dragões e d'outros animaes phantasticos.

Nos medalhões sobre a taça representavam-se scenas da vida do Salvador; nos do pé, as quatro virtudes Cardeas e assumptos tirados da historia do Velho Testamento; e nos medalhões do nó mostravam-se as personificações dos quatros rios do Paraizo.

As patênas, ordinariamente muito simples, tinham a configuração d'um pires com um esvasamento circular no meio. O fundo interior era liso, com adornos de buril; os bordos, por vezes lavrados em relevos ou gravados ao buril, eram de pequenas dimensões. Encontram-se comtudo algumas patênas da época roman, sobre as quaes abundavam os ornatos e as esculpturas.

Custodias eucharisticas: pyxides e ciborios. Desde o xi seculo que as pombas eucharisticas foram substituidas em geral pelas pyxides, cuja origem alguns auctores reputam ser do v seculo. Dá-se o nome *pyxides* a pequenas caixas de marfim, d'onyx, d'ouro, de prata ou de cobre esmaltado, nas quaes se guardavam as sagradas particulas. Suspendiam-se, debaixo do docel do altar, n'uma bolsa de tecido precioso, ou então collocavam-se n'um pequeno nicho aberto em parede proxima do altar.

Durante os primeiros seculos do periodo roman, as pyxides de marfim empregavam-se em concorrência com as pombas eucharisticas de metal.

Consistiam regularmente em pequenas caixas cy-

lindricas, tendo muitas vezes no exterior esculpturas em relevo.

As pyxides do xii e do xiii seculo são ordinariamente de cobre dourado e esmaltado; compõem-se d'uma pequena caixa cylindrica encimada por uma tampa de forma conica ligada ao cylindro por uma charneira. Muitas d'estas pyxides saíram das officinas dos esmaltadores de Limoges.

As pyxides romans têm algumas vezes um pé, e são em geral tanto umas como outras de pequenas dimensões, por isso que apenas servem para guardar um pequeno numero de hostias necessarias para dar o Sagrado Viatico aos doentes em perigo de vida.

Todas as pyxides anteriores ao xvi seculo, com raras excepções, têm a tampa ligada ao cylindro por meio de charneira.

Relicarios. Consideraram-se primeiramente como reliquias os restos mortaes dos Santos, porém hoje têm um sentido mais lato, considerando-se tambem como taes es paramentos e outros objectos usados por elles durante a sua vida mortal. A Igreja professou sempre um grande respeito pelas reliquias, prestando-lhes um culto particular. Em vista d'isto não é para admirar que nos primeiros seculos se fabricasse um tão grande numero e diversidade de relicarios, afim de conservarem estes preciosos thesouros e expô-los á veneração dos fieis.

Relicarios da verdadeira Cruz. A maior parte dos relicarios que contêm parcelas da verdadeira Cruz foram trazidos do Oriente na época das Cruzadas, ou fabricados na Europa segundo os modelos bysantinos. São ricamente cravejados de pedrarias e de esmaltes, e têm muitas vezes a forma de uma dupla cruz chamada cruz do Santo Sepulchro, de Lorrena ou de Caravalla. Como a travessa superior d'esta cruz é menor que a inferior, leva isto a suppôr que o que parece uma repetição dos braços seja simplesmente o *título* da cruz, pelo qual os Gregos e os Orientaes sempre tiveram especial veneração.

(Continúa)

POSSIDONIO DA SILVA.

CHRONICA

O Imperador o Senhor D. Pedro visitou o Museu do Carmo no dia 14 d'este mez, onde se demorou algum tempo examinando minuciosamente os objectos ali expostos. Mandou copiar pelo seu camarista Conde de Aljezur os nomes dos archeologos estrangeiros que vieram a Lisboa ao congresso d'Anthropologia e Archeologia pre-historica em 1880, nomes esculpidos n'uma lapida que ficou collocada no cru-

zeiro do remoto monumento historico do Largo de Carmo, em recordação dos nossos socios estrangeiros que visitaram o Museu.

O Imperador, ao acabar de ver o Museu, disse ás pessoas da sua comitiva:—*Tudo que está aqui se deve ao architecto Silva.* Esta observação proferida por principe tão illustrado é distincção merecida para o fundador d'este Museu.

Esta Real Associação recebeu o diploma e uma medalha de prata da Exposição Universal de Barcelona, pelos progressos alcançados em Portugal na divulgação dos conhecimentos archeologicos. O diploma é uma gravura de bella execução e de grandioso aspecto, estando representada a Rainha e seu real filho, acompanhada pelas damas e officiaes-móres do palacio, ministros d'estado e os membros da commissão encarregada da Exposição, no acto de S. M. distribuir as medalhas aos expositores, e fazendo fundo a este acto, vê-se a cidade de Barcelona com os seus principaes edificios.

O sr. Possidonio da Silva, no seu regresso dos congressos de Paris, trouxe uma muito interessante collecção de instrumentos pre-historicos de Dinamarca e da França, que o seu estimado amigo e confrade o archeologo Mr. Conde Carlos Lair lhe offereceu para o Museu do Carmo. É de subido valor esta dadiva, porque só os exemplares descobertos na Dinamarca são os mais perfeitos que se conhecem, e que pelo seu numero e differentes formas tem grande merecimento para a sciencia. Esta nova oferta do illustrado archeologo francez merece portanto, os nossos cordiaes agradecimentos e grande estimação não pelo que vale como pela pessoa que se dignou fazel-a.

O nosso digno secretario o Ex.^{mo} Sr. Visconde de Alemquer recebeu do governo francez uma condecoração a mais honrosa que a França pôde conferir ao talento e á sabedoria, nomeação de official de Instrução Publica. Felicitando o nosso estimado e illustre consocio não só manifestamos o nosso rego-sijo, como tambem essa merecida distincção nos enche de ufanía, por ser conferida a um nosso confrade tão respeitado e querido.

Pelo Ministerio dos Negocios Estrangeiros nos foi remetido um officio em que participava haver o ministro francez n'esta cõrte mandado uma collecção de vistas photographicas da capital por um distincto photographo francez, que o governo da republica offerecera para o Museu da Real Associação dos Archeologos portuguezes. Esta nova consideração que a nossa Associação recebeu agora de tão illustrado e respeitado paiz, constitue-nos em muito reconhecimento; pois quando aquella poderosa e civilisadora nação se lembra do nosso modesto instituto, concede-nos o fôro de sociedade prestante para os progressos civilisadores.

Foram nomeados mais cinco socios effectivos: os srs. Visconde de Coruche, Dr. Francisco Antonio Brandão, Dr. Manoel Velloso Armelim Junior, Antonio Felix da Costa e Antonio Augusto de Oliveira.

CONGRESSOS INTERNACIONAES NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL EM PARIS. — *Congresso dos architectos.* — Uma commissão foi nomeada pelo Governo Francez na Sociedade Central dos Architectos, para organizar o congresso internacional dos architectos civis, que teria lugar em 17 a 22 de junho ultimo; deliberou esta de encarregar a preparação d'este congresso ao patronato de uma *Commissão de Honra* composta de architectos que no estrangeiro e em França, estavam no caso de prestar este serviço ao progresso da architectura. N'esse louvavel intuito, a Associação Central fez convites aos 76 architectos estrangeiros, seus socios correspondentes; além dos 80 socios effectivos francezes que lhe pertencem. As sessões occuparam-se dos seguintes assumptos: Do ensino da Architectura — Haver um diploma obrigatorio para os architectos — Soccorro confraternal; Syndicatos de professores — Propriedade artistica sob o ponto de vista exclusivo de architectura — Estudos sobre a antiguidade; a arte Etrusca — Conferencia sobre o estudo superior d'architectura — sobre as cupulas do Oriente e do Occidente — Estudo sobre os incendios nos theatros.

A mesa era composta dos architectos: presidente, Mr. Carlos Garnier, membro do Instituto; (ao lado direito) vice-presidentes, Mrs. Daumet, Normand, Hermant, Possidonio da Silva, membro do Instituto; (ao lado esquerdo) Mrs. Hunt, Spier de Lima, e Guilhaume, membro do Instituto; secretarios, Mrs. Lucas, Lorient, Bartaumieux, Muntz, Roza, Trélat Junior.

Foi no palacio do Trocadero que se fizeram a primeira e a ultima sessão, sendo as outras na Escola de Bellas Artes: concorreram grande numero de convidados, durando bastante as discussões sobre os quesitos do programma. Concordeu-se nos seguintes pontos: Melhoramentos nos theatros, sendo a resistencia do edificio contra o perigo do augmento de incendio, de mais capital importancia que as sahidas, podendo-se circumscrever a uma das divisões do theatro que possa facil e completamente isolar-se das outras — Creação de estudos superiores de architectura — Protecção confraternal — Agrupar os architectos em syndicatos — Reforma da legislação para que seja reconhecida a propriedade artistica dos architectos — Haver construcções para habitações de operarios no interior das cidades e não no exterior para que possam frequentar o ensino industrial e educar o sentimento artistico onde elle se desenvolve.

Na sessão de 19 de junho fez o nosso consocio o sr. Possidonio da Silva uma communicação ao Congresso de haver offerecido a Sua Magestade El-Rei de Portugal a sua bibliotheca, formada por grande numero de obras illustradas com estampas e desenhos, para mais de dezoito mil, relativas a architectura e a archeologia, publicadas em França, Italia, Belgica, Suecia, Dinamarca, Hollanda, Inglaterra, Hespanha, Estados-Unidos da America do Norte e Portugal, ficando esta valiosa collecção conservada na bibl'otheca real do palacio de Mafra, o Escorial Portuguez.

(Continúa).